

altas roçam pela minha face porque eu tenho o privilégio dos caminhos.”¹⁷

Dispondo os mesmos materiais doutra maneira, Luís Miguel Cintra produziu uma peça intitulada, tal como o esboço de onde, na maioria, são tirados os fragmentos, *A Morte do Príncipe*. Encenou-a e representou com Maria de Medeiros na Chartreuse de Villeneuve-lès-Avignon, em 1988, no centenário do nascimento de Pessoa, em tradução francesa de Patrick Quillier. Os que tiveram a sorte de assistir a este espetáculo não esquecerão a singular beleza desta língua, talhada para a arte dramática, o que nos faz lamentar ainda mais que o poeta não tenha levado a cabo todos os seus projetos. “Todo este universo é um livro em que cada um de nós é uma frase. Nenhum de nós, por si mesmo, faz mais que um pequeno sentido, ou uma parte de sentido; só no conjunto do que se diz se percebe o que cada um verdadeiramente quer dizer.”¹⁸ Esse universo, como vemos, está próximo do de *O Marinheiro*, mas também do de Reis e de Soares. Na noite de Avignon, para celebrar-lhe a memória, elevava-se aquele canto alternado de um homem e de uma mulher, encarnados por dois dos melhores atores da Europa (ambos perfeitamente bilíngües), cada um tentando situar-se em relação a si próprio, a seu corpo, a sua “alma”, ao outro, ao casal que formavam, à idéia de seu amor, ao mundo, ao nada, aos deuses.

Se *O Marinheiro* é obra acabada escrita em dois dias, o *Fausto* permaneceu inacabado, embora Pessoa nele tenha trabalhado mais de vinte e cinco anos, de 1908 a 1935, paralelamente ao *Livro do Desassossego*. Por que falamos dele agora, ao mesmo tempo que dos poemas e dos textos em prosa que datam de 1913? Porque, a crer na especialista que estabeleceu o respectivo texto, Teresa Sobral Cunha, foi nesse ano que o projeto mudou de natureza. A princípio Pessoa quisera escrever uma verdadeira tragédia, tratar também, depois de Marlowe e de Goethe, o tema de Fausto, de sua discussão com Deus e com o Diabo. Tivera até a idéia de retomar o mito em seu início, fazendo do Frei Gil de Santarém, cabalista português do século XIII, precursor do sábio Dr. Wittenberg, o herói de seu drama. Mas este

¹⁷OPP, I, 670.

¹⁸*La Mort du Prince*, Christian Bourgois éditeur, p. 15.

projeto ficou pouco a pouco enredado na massa de reflexões propriamente ditas que nascem de sua própria atividade criadora. O Pessoa “paulista”, narcísico, preso, como ele diz, na teia do excesso de consciência de si mesmo e de sua inteligência crítica, não pode evidentemente ter com sua personagem a relação ingênua que Marlowe tem com a dele nem, ainda menos, a relação objetiva e soberana que Goethe tem com seu Fausto. Eduardo Lourenço, no prefácio intitulado *Fausto ou a Vertigem Ontológica*, diz: “À singular aventura representada pelo corpo a corpo com o mito de *Fausto* — que é já da ordem da criação na sua essência — sobrepõe-se uma aventura de outro gênero, a aventura de dar um corpo, existência, à *escrita* onde essa aventura primeira é substituída pela da dúvida acerca dos poderes mesmos da própria escrita.”¹⁹ Em suma, a tragédia de Fausto muda-se na tragédia da tragédia. O tormento de Fausto-Pessoa é não saber exprimir seu tormento.

Parece que, a certa altura, nosso poeta pensou em escrever duas ou três peças em torno do mesmo tema, o que explica ele falar, nalgumas notas rabiscadas nos projetos, de um “*Primeiro Fausto*, meio escrito”. Sá-Carneiro, em carta de 14 de maio de 1913 ao amigo, aconselha-o a publicá-las separadamente. Assim, compreende-se que, após a morte de Pessoa, em 1952, seu primo Eduardo Freitas da Costa, ao publicar uma escolha, aliás arbitrária, de fragmentos encontrados na arca dos tesouros manuscritos, a tenha intitulado *Primeiro Fausto*. Ele não sabia que o poeta decidira fazer uma só obra das duas séries de fragmentos já escritos, os que têm caráter propriamente dramático, com situações e personagens, e os que são apenas solilóquios em que Fausto-Pessoa solta o lamento de uma consciência enterrada em si mesma a poder de reflexão. Só em 1988, mais de cinquenta anos após sua morte, Teresa Sobral Cunha reconstituiu um texto provável do *Fausto*, “*tragédia subjectiva*” em cinco atos, em verso livre, na qual alternam as duas espécies de fragmentos. Este *Fausto*, assim reformulado conjeturalmente, foi representado no teatro de Aubervilliers por Aurélien Recoing, em Viena e, noutros lugares, em versão diferente, por Patrick Quillier e seu *Théâtre du Paradoxe*.²⁰ Quillier definiu bem este *Fausto*: “Mais de duzentas páginas de esbo-

¹⁹*Fausto*, op. cit., p. III.

²⁰*Faust* (Chandeigne), p. 7.